



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol XXVI, número 2, jul-dez, 2021, pág. 546-570.

A ESTRUTURA DA AUTOCONSCIÊNCIA E HABILIDADES DE VISUALIZAÇÃO DE IMAGENS MENTAIS: ESTUDO DE VALIDAÇÃO

THE STRUCTURE OF SELF-FOCUS AND THE VISUALIZATION OF MENTAL IMAGERY SKILLS: A VALIDATION STUDY

Alexsandro Medeiros do Nascimento
Antonio Roazzi

Resumo: O estudo *ex-post-facto* objetivou descrever as relações entre as autoconsciências situacional e disposicional, a pertinência da dicotomia ruminação-reflexão na dimensionalidade da autoconsciência, e as relações do autofoco disposicional com as habilidades de visualização de imagens mentais, apoiadas na hipótese mais ampla de mediação cognitiva de autofoco por imagens mentais. O teste empírico das hipóteses foi conduzido numa amostra de 958 universitários, os quais responderam os instrumentos psicométricos: *Escala de Autoconsciência Disposicional*, *Escala de Autoconsciência Situacional* e *Teste de Habilidades de Visualização de Imagens Mentais*, com suas duas séries independentes – Self e Não-Self. Os dados foram analisados através de Análise Fatorial, Análise de Estrutura de Similaridade, coeficiente de correlação de Pearson e série de regressões passo-a-passo e passos-fixos. Os resultados suportaram (a) a hipótese de mediação cognitiva de autofoco por imagens mentais, tanto na modalidade estado, quanto traço, (b) evidências favoráveis ao enlace orgânico entre autoconsciência estado e traço, (c) a dicotomia ruminação-reflexão na dimensionalidade da autoconsciência, (d) as boas qualidades psicométricas dos instrumentos da pesquisa, em especial da *Escala de Autoconsciência Disposicional*, alicerçada em nova dicotomia que alicerça a autoconsciência-traço descoberta nesta pesquisa – a Conscientização-Atentividade.

Palavras-chave: autoconsciência situacional e disposicional; ruminação-reflexão; habilidades de visualização de imagens mentais; avaliação psicométrica; teoria das facetas.

Abstract: The *ex-post-facto* study aimed to describe the relations between situational and dispositional self-focus, the relevance of the rumination-reflection dichotomy on the dimensionality of self-awareness, and the relations of dispositional self-focus with the visualization of mental imagery skills, supported by the wider hypothesis of cognitive mediation of self-focus through mental imagery. The empirical test of the hypotheses was carried out on a sample of 958 university students, who answered the psychometric instruments: Dispositional Self-focus Scale, Situational Self-focus Scale and the Visualization of Mental Imagery Skills Test, with its two independent



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

series – Self and Non-Self. The data were analyzed using factor analysis, similarity structure analysis, Pearson correlation coefficient, and series of stepwise and fixed-step multiple regressions analysis. The results support (a) the hypothesis of cognitive mediation of self-focus through mental imagery, both in state and trait modes; (b) favorable evidence to the organic link between self-focus state and trait; (c) the dichotomy rumination-reflection on the dimensionality of self-awareness; (d) and, finally, the good psychometric properties of the instruments of research, especially the Dispositional Self-focus Scale, based on new dichotomy that underpins the dispositional self-focus which was discovered in this research - Awareness-Attentiveness.

Keywords: situational and dispositional self-focus; rumination-reflection; visualization of mental imagery skills; psychometric evaluation; facet theory.

Desde os primórdios da pesquisa moderna sobre autoconsciência teóricos têm proposto diferenciações na estrutura desse sistema cognitivo. No trabalho seminal de Duval e Wicklund (1972) já estava posta a distinção entre duas formas de atenção consciente, a autoconsciência objetiva (objective self-awareness) e a autoconsciência subjetiva (subjective self-awareness), a primeira delas focalizada sobre o *self* e a última reservada à focalização sobre o ambiente físico ao redor do *self*. Observa-se no que tange à sua natureza, a relação estreita entre autoconsciência subjetiva e manipulação ativa do ambiente, ao contrário da relativa passividade atribuída à autoconsciência objetiva, esta sendo controlada pelos estímulos autofocalizadores do meio.

O trabalho de Fenigstein, Scheier e Buss (1975) reconfigurou conceitualmente o campo prescrevendo a existência de uma forma relativamente estável e não-controlada por aspectos circunstanciais e ambientais indicada pelo termo ‘self-consciousness’ e atualmente nomeada de autoconsciência disposicional (ver Govern & Marsch, 2001), a qual vem sendo estudada prioritariamente através de instrumentos padronizados como a Self-Consciousness Scale (SCS) de Fenigstein, Scheier e Buss (1975), enquanto autoconsciência como estado (autoconsciência situacional) – indicada pelo termo ‘self-awareness’ – seguiu historicamente sendo investigada por manipulação experimental de estímulos autofocalizadores como câmeras, espelhos, audiografações, etc. (ver Eichstaedt & Silvia, 2003). Subjacente a



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ambas tradições de pesquisa, a hipótese inquestionada de autoconsciência situacional e disposicional como variáveis independentes entre si e não-relacionadas (ver Trapnell & Campbell, 1999; Morin, 2004).

A escala SCS de Fenigstein, Scheier e Buss (1975) cuja solução fatorial tripartida concebendo a autoconsciência-traço como dimensionalmente organizada nos pólos público-privado e um fator de ansiedade social tem historicamente recebido inúmeras críticas nos estudos psicométricos, tanto em relação ao aspecto da escrita de seus itens que se revelam difíceis de serem entendidos, especialmente por indivíduos menos escolarizados, como por exigir que os respondentes pensem sobre a extensão em que os conteúdos das afirmações dos itens são não característicos de si mesmos, o que é cognitivamente exigente para indivíduos abaixo do nível universitário (ver Martin & Debus, 1999). Apesar das adequadas medidas de fidedignidade e das validades convergente e discriminante tanto no estudo original quanto em revalidações subseqüentes (Heinemann, 1979; na versão em língua portuguesa do Brasil, ver Teixeira & Gomes, 1995), novas soluções fatoriais para a autoconsciência-estado (disposicional) tem sido propostas a partir de re-análises psicométricas da escala SCS, originando modelos de autofoco com mais de três fatores.

No âmbito da Autoconsciência Pública, Mittal e Balasubramanian (1987) tem sugerido a reconfiguração desta dimensão da autoconsciência em dois fatores nomeados de Style Consciousness (consciência do estilo), relacionado ao estar ciente dos próprios padrões comportamentais e estilos de resposta ambiental, e Appearance Consciousness (consciência da aparência) – a percepção de como o Self se apresenta fisicamente nas dimensões estéticas e físicas aos outros. No estudo de Burnkrant e Page (1984) foi proposta a partição da autoconsciência privada em dois fatores nomeados de Self-Reflection (autoreflexão) e Internal State Awareness (consciência de estado interno), com focos respectivos nas disposições a pensar sobre o Self no primeiro caso, e na consciência dos sentimentos e estados internos, no segundo.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Anderson, Bohon e Berrigan (1996) também encontraram uma estrutura alternativa de viés afetivo para o autofoco privado nomeando dois novos fatores de Self-Oppression (auto-opressão) – um estilo opressivo de autofocalização privada, e Balanced Self-Awareness (autoconsciência equilibrada), um tipo de autofoco privado de valência indo de positiva a neutra, caracterizado por auto-interesse e auto-atenção suaves.

Martin e Debus (1999) em análise conceitual da escala de autoconsciência privada identificaram um conjunto de itens que representam Ruminantion on the General Self (ruminação sobre self geral) e Monitoring of Specific Aspects of the Self (monitoração de aspectos específicos do self), os quais caracterizam-se, no primeiro caso, por focalização desadaptativa sobre a totalidade do self em vez de sobre autodomínios específicos, e no segundo caso, por autofocalização sobre aspectos de como o indivíduo percebe como sua mente trabalha quando está processando cognitivamente um problema, as razões do self para fazer as coisas, e seus humor e sentimentos, ou seja, um processo autofocalizador de caráter autoregulatório mais adaptativo. Re-análises da escala SCS por Trapnell e Campbell (1999) puseram em relevo o caráter motivacionalmente ambíguo de itens deste instrumento e a presença de dois tipos distintos de autofoco sendo mensurados pelo mesmo, (1) Autoruminação, ou Ruminação, atenção prestada ao self motivada por medo ou autodúvidas, e, (2) Autoreflexão, ou Reflexão, autofocalização motivada por genuíno interesse epistêmico no self. Todavia, há que se perceber, conforme autores mais recentes tem pontuado (Morin; 2002; Nascimento, 2008), a conexão fechada entre diversas operações de autofocalização, organizadas num *continuum* qualitativo no tempo, e a provável impossibilidade de uma unidimensionalidade da autoconsciência.

Esta difícil questão sobre a estrutura da autoconsciência, se unitária ou compósita, é um dos pontos de desconhecimento da teoria necessitando de um esclarecimento, havendo ainda autores como Govern e Marsch (2001) que apostam numa estrutura unitária, embora bi-fatorial baseada na dicotomia



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

público-privado dos estudos mais antigos na validação do único instrumento específico que se tem notícia para mensuração de autoconsciência situacional – a Situational Self-Awareness Scale, validada para falantes de língua inglesa, mas sem nenhuma similar ainda anunciada para falantes de língua portuguesa, do Brasil ou de países irmãos, e que leve em consideração o estado da questão quanto à dimensionalidade, incluindo em sua estrutura os autofocos ruminativos e neutros (ruminação e reflexão, respectivamente) para o autofoco situacional.

Outra questão crucial diz respeito ao enlaçamento da autoconsciência com os demais sistemas cognitivos, em especial o da Consciência (Nascimento, 2008), não havendo ainda um quadro bem estabelecido de que sistemas cognitivos são demandados na instanciação de estados autoconscientes em humanos (ver Gibbons, 1990), nem quais operações cognitivas mediam autoconsciência em suas duas modalidades (estado-traço), questão enfaticamente formalizada por Morin (2004) em seu modelo neurocognitivo e socioecológico de Autoconsciência (self-awareness).

Morin (2004) postula a existência de três fontes principais de autoconsciência, cada uma delas reunindo um conjunto específico de mecanismos disparadores e sustentadores de autoconsciência em seres humanos, a saber, o Meio Social – pautado em trocas simbólicas e dialógicas com outros selves; o Mundo Físico – alicerçado nos intercâmbios com a cinestesia visual envolvendo os objetos físicos circundantes; e, o Self – o próprio sujeito se torna fonte preciosa de autoinformação para além da interação social estrita, através de mecanismos não cognitivos (Lobos Pré-Frontais e Dupla Estimulação Sensória) e cognitivos (autofala e imagens mentais), estes últimos mediando autoconsciência por permitir que o self converse consigo mesmo e/ou veja a si mesmo de forma privativa, amplificando o trabalho dos mecanismos sociais de geração de estados autoconscientes.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ao contrário da autofala que já tem sido investigada empiricamente (ver Morin, 1995; Nascimento, 2008), a hipótese da mediação cognitiva de autoconsciência por imagens mentais ainda carece de teste empírico mais substancial (Morin, 2004), tendo havido ao presente um único estudo que a realizou, o de Nascimento (2008) com população universitária, o qual levantou indícios convincentes de tal mediação. Uma vez que teoricamente imagens mentais se coloquem como sérias candidatas a exercer esse importante papel na geração de estados autoconscientes, a emergência desses produtos da função cognitiva da Imaginação levanta questões quanto a gênese conjunta de vários sistemas cognitivos, incluindo-se aí os sistemas de base da cognição conforme postulado por Paivio (2007) em sua Teoria do Código Dual. Segundo o referido autor, dois sistemas presidem o funcionamento de toda a cognição humana, um de natureza Verbal, responsável pelo processamento de material de natureza lingüística e serial, e outro Imagético, que processa informação de natureza sincrônica e imagética. Ambos os códigos são postulados serem independentes, embora interconectados, cujos funcionamentos se intermodulam e exercem intensa interferência nas tarefas cognitivas, incluindo, possivelmente, segundo Nascimento (2008), as que tenham o *self* como objeto epistêmico e experiencial.

Cruzando-se os dois modelos teóricos de Paivio (2007) e Morin (2004) é esperada uma ontogênese conjunta da autoconsciência e dos mediadores cognitivos da mesma com seus funcionamentos enraizados na dinâmica do Código Dual, onde o *self* se inscreveria nas redes de *self*-schemata (auto-esquemas) em conjuntos em rede de imagos e logogens (as unidades codificadoras específicas dos códigos Imagético e Verbal), tendo como pano de fundo uma história concreta de desenvolvimento dessas funções cognitivas na ontogênese do indivíduo.

Assim, é legítimo supor que indivíduos com maiores habilidades de visualização tenham conseqüentemente um maior uso das imagens mentais como instrumentos para instanciação de processos de autofocalização, e,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

portanto, índices otimizados de autoconsciência tanto estado quanto traço. Tais habilidades visualizadoras, de forma concreta expressas em rotinas cognitivas específicas descritas em ampla literatura de estudos de imagens como Gerar – criar voluntariamente uma imagem, Inspeccionar - observar as relações espaciais internas a uma imagem, Encontrar – localizar um aspecto específico no objeto-imagem, Zoom – aproximação de objeto-imagem no plano espacial interno para escrutínio minucioso, Rotar – rotacionar um objeto em meio espacial interno, Transformar – impingir intencionalmente mudanças a uma imagem pré-gerada, Controle Cinético – controle voluntário do movimento da imagem, Panoramizar – afastar a imagem no plano interno para uma tomada global da mesma, e Vivacidade/Vividêz – referente às qualidades de visualização das imagens, seu detalhamento e percepção de suas características (ver Paivio, 2007; Eysenck & Keane, 1994), devem suas organizações estruturais e funcionais atuais a uma história complexa de encontros com objetos e relações espaciais com o meio (Paivio, 2007), estando enlaçadas ao processamento verbal de modos marcadamente particularizados.

Baseado nesses pressupostos, o estudo *ex-post-facto*, sem manipulação direta das variáveis, objetivou descrever as relações entre as autoconsciências situacional e disposicional, e nas relações desta última com as habilidades de visualização de imagens mentais em estudantes universitários, sendo um teste empírico das Hipóteses (H): (H1) Imagens Mentais mediam Autoconsciência Situacional e Disposicional; (H2) Autoconsciência-estado (situacional) está consistentemente correlacionada com Autoconsciência-traço (disposicional); (H3) Ruminação e Reflexão são dois tipos distintos, mas relacionados de autofocalização-estado; (H4) Autoconsciência Disposicional correlaciona-se com as habilidades de visualização de imagens mentais; e, (H5) A Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) tem boas qualidades psicométricas.



Método

Participantes

A amostra da pesquisa foi composta por 958 estudantes universitários de instituições de ensino superior públicas e privadas, os quais responderam a ambas as formas do protocolo de pesquisa (Resumida e Completa) para o teste de hipóteses consoante às relações entre a Autoconsciência Situacional e Disposicional e a Mediação Cognitiva. Uma sub-amostra de 258 estudantes (51,16% de sexo masculino) respondeu à Forma Completa do instrumento que continha o Teste de Habilidades de Visualização (THV), para o teste das hipóteses relacionadas às habilidades de visualização de imagens mentais.

Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário auto-administrado disponibilizado pelo pesquisador na forma de uma apostila contendo as medidas usadas neste estudo descritas a seguir.

Escala de Autoconsciência Disposicional – EAD. Escala de 20 itens de tipo Likert construída por Nascimento (2008) no intuito de mensuração de diferenças individuais nas capacidades de autofoco enquanto traço (disposicional). Os itens foram escolhidos a partir de um conjunto inicial de 33 itens, semelhante ao processo utilizado para construção da Self-Consciousness Scale de Fenigstein *et al.* (1975). Na escrita dos itens levou-se em conta o estado da arte nos estudos de autoconsciência, com seu foco nas dimensões público-privado (Fenigstein *et al.*, 1975) e ruminação-reflexão (Trapnell & Campbell, 1999), e na mediação cognitiva (Morin, 2004; Nascimento, 2008). Após as análises efetuadas, encontrou-se uma organização da escala com ênfase nas dimensões de disposição a se estar consciente de si mesmo (conscientização), atenção ou vetor dos sistemas atencionais voltado ao *self* (atenção) e mediação cognitiva de autoconsciência (mediação



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

cognitiva). Os itens foram respondidos em escala Likert de 05 pontos, indo de '1' (discordo totalmente) a '5' (concordo totalmente), espelhando o julgamento efetuado pelo participante quanto a adequação do conteúdo de cada auto-afirmação do instrumento a como ele se percebe geralmente no cotidiano no tocante às suas predisposições aos processos autofocalizadores. Item típico: “Eu sou consciente das mudanças em minha aparência com o passar do tempo.” (Item 12, Conscientização).

Escala de Autoconsciência Situacional – EAS. Escala de tipo Likert composta por 13 itens e construída e validada por Nascimento (2008) para mensuração de diferenças individuais na capacidade cognitiva de autofoco enquanto estado (situacional), com ênfase nas modalidades não-ansiosas da autoconsciência (reflexão) e ansiosas (ruminação) e na mediação cognitiva de autoconsciência por imagens mentais (mediação icônica). Os itens receberam respostas numa escala Likert de 05 pontos variando de '1' (discordo totalmente) a '5' (concordo totalmente), no tocante ao julgamento de adequação do conteúdo de cada auto-afirmação do instrumento a como o participante esteve se percebendo no exato instante em que respondeu ao mesmo. Item típico: “Neste instante, eu avalio algum aspecto que me diz respeito” (Item 01, Reflexão). Os índices de consistência interna mensurados pelo Alfa de Cronbach revelaram-se adequados para uso em pesquisa, a saber, .74 (Reflexão), .74 (Ruminação) e .69 (Mediação Icônica).

Teste de Habilidades de Visualização de Imagens Mentais - THV. Bateria composta por duas séries separadas (Self e Não-Self) passíveis de utilização individualizada e criada e validada por Nascimento (2008) com o objetivo de medir as habilidades de visualização de imagens mentais dos indivíduos a partir de 9 medidas parciais ou tarefas duplicadas nas duas séries referentes a diversas operações de geração, manipulação e processamento de imagens mentais de tipo visual relatadas na literatura especializada como Gerar, Inspeccionar, Encontrar, Zoom, Rotar, Transformar, Controle Cinético, Panoramizar e Vivacidade/Vividéz (ver Eysenck & Keane, 1994; Paivio,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

2007), sendo as mesmas operações propostas aos respondentes com manipulação de imagens do self e de um objeto não-self, que neste caso escolhido foi a imagem de um automóvel. Os instrumentos receberam respostas numa escala Likert de 05 pontos variando de '0' a '4', indicando o primeiro valor ausência de experiência visual e o último visualização com absoluta clareza do que foi solicitado nas instruções dos itens individuais. Item típico do teste: “Visualizando você ainda com a face voltada para a placa Sul, aproxime a imagem cada vez mais perto de você até que você observe com o máximo de detalhes o ponto de seu rosto acima do nariz e entre as duas sobrancelhas.” (Item 04, Zoom Self). A análise da consistência interna pelo Alfa de Cronbach revelou adequados níveis de fidedignidade com alfas de .87 (Série Self) e de .91 (Série Não-Self) do THV, evidenciando as excelentes características psicométricas deste instrumento (ver Nascimento, 2008).

Procedimentos

Após liberação para execução do projeto pelo Comitê de Ética da UFPE (Registro CEP/CCS/UFPE No 132/06), os participantes foram recrutados em salas de aula do ensino universitário da Região Metropolitana de Recife (PE), e obtidas suas anuências e assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, os protocolos foram entregues para resposta em tempo livre, tendo-se obtido um tempo médio de resposta de 1 hora para a Forma Completa e 30 minutos para a Forma Resumida do instrumento.

Resultados

Como abordagem analítica inicial procedeu-se o exame da dimensionalidade da Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) pela Análise Fatorial, conforme prescrições da Psicometria para validação de instrumentos psicométricos (Hair *et al.*, 2005). O índice Kaiser-Meyer-Olkin de .81, cotejado com a Estatística de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2(190) = 3540,612$, $p < .001$, indicaram uma matriz de correlações fatorável. O exame



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

dos valores próprios pelo Critério de Kaiser (Hair *et al.*, 2005) pôs em saliência três componentes principais com autovalores maiores que 1 (4,05; 2,27; 1,50), os quais respondem por 39,1% da Variância Total, com suas respectivas variâncias por fator (13,8; 13,3; 12,0), o que foi corroborado pelo Critério de Cattell (Hair *et al.*, 2005) cuja observação da curva gerada no plano gráfico sugeriu a retenção de três componentes (fatores) pela distância entre suas posições, antes da homogeneização da curva. Por fim, a Análise de Componentes Principais extraiu três fatores, cuja organização dos itens com carga fatorial de .40 em diante revelou uma solução trifatorial para o instrumento.

O fator 1 (F1) foi composto pelos itens 01; 04; 07; 11; 12; 18; 19; e, 20, e recebeu a nomeação de Conscientização, pela semântica de seus itens focar a disposição em autoconhecer-se, em ter-se ciência de seus auto-aspectos. O fator 2 (F2) foi composto pelos itens 02; 03; 08; 09; 13; e, 14, e recebeu a nomeação de Atentividade, indicada em sua semântica voltada a preocupação com o aspecto da autoatenção, uma tendência a estar atento a si mesmo, ou atenção prestada ao self pelo próprio self, predisposição à atividade de autofocalização em sentido estrito. Por fim, o fator 3 (F3) foi composto pelos itens 05; 06; 10; 15; 16; e, 17, e recebeu a nomeação de Mediação Cognitiva, pelo foco de sua semântica associado ao caminho cognitivo pelo qual o self se auto-observa, ou seja, sobre quais processos cognitivos mediam o disparo e manutenção de estados autoconscientes.

Aprofundou-se o exame da dimensionalidade da EAD através da metodologia das Facetas (Guttman, 1968) com uso de Análise de Estrutura de Similaridade (Similarity Structure Analysis ou SSA, ver Nascimento & Roazzi, 2013) com o conjunto dos itens do instrumento. SSA é basicamente um escalonamento multidimensional não métrico, que tem como fundamento o princípio de proximidade, em que quão mais semelhantes as observações em termos de suas definições, mais próximas elas devam estar empiricamente, criando regiões de contiguidade ou regiões de descontinuidade, o que se

expressa de forma gráfica em termos de regiões ou facetas numa projeção de tipo euclidiano (Bilsky, 2003; Nascimento & Roazzi, 2013). Os resultados desta análise multivariada podem ser observados na Figura 1.

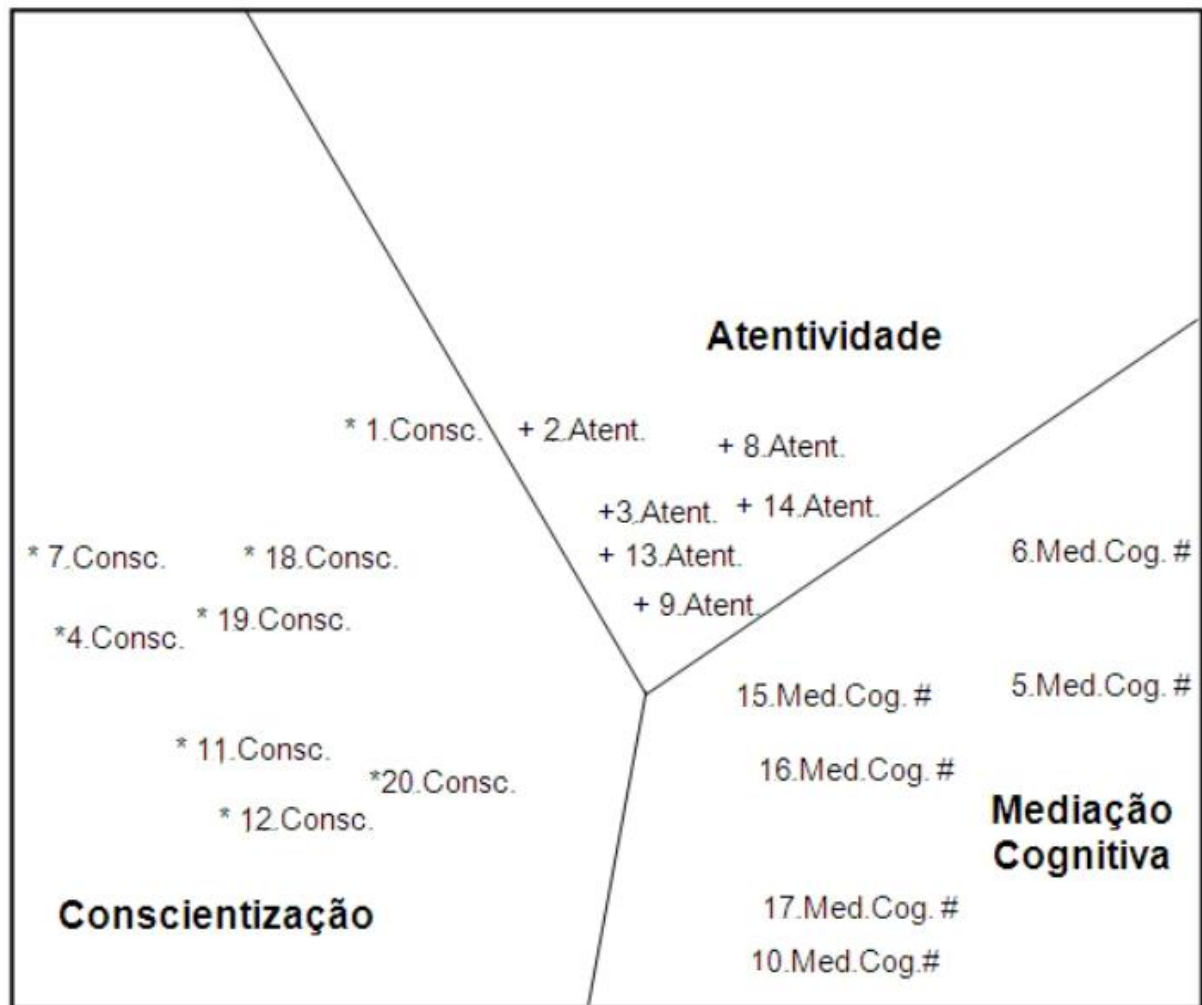


Figura 1. SSA das dimensões da Escala de Autoconsciência Disposicional – EAD (Projeção 3d, 1x2, Coeficiente de Alienação .11733)

O coeficiente de alienação $K=.11733$ encontrado indicou um ajuste ótimo das variáveis na projeção espacial, sendo tal coeficiente um valor estatístico utilizado em MDS não métrica (SSA ordinal), considerando-se segundo Bilsky (2003) em geral um valor de $K \leq 0,15$ indicador de solução multidimensional aceitável para correta interpretação dos dados.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

A representação da dimensionalidade da projeção SSA revelou-se de tipo polar, em que os elementos da faceta não-ordenada são qualitativamente diferentes e correspondem a diferentes direções na projeção, derivando de um ponto de origem comum (Bilsky, 2003). Assim, em sentido horário e de baixo para cima, encontramos a partir do quadrante inferior esquerdo da projeção os itens de número 12, 20, 11, 04, 19, 07, 18 e 01 numa primeira região de contiguidade, cuja análise semântica de seus conteúdos, os revelam como sendo itens de Conscientização, nomeando dessa forma a faceta considerada; em seguida encontram-se os itens de número 02, 08, 14, 03, 13 e 09 numa segunda região de contiguidade, numa semântica relacionada a Atentividade, compondo a segunda faceta correspondente da projeção; e por fim, no interior do quadrante inferior direito, os itens de número 06, 05, 15, 16, 17 e 10, cujo conteúdo semântico os associam a Mediação Cognitiva, nomeando assim a terceira faceta da projeção. Nota-se que em geral os itens de uma faceta são descontínuos em relação aos de uma outra faceta, havendo apenas uma exceção, no que concerne ao item 01 de Conscientização que se aproxima um pouco do item 02 de Atentividade.

Os resultados da análise SSA respaldam a solução tri-fatorial encontrada pela Análise Fatorial para a escala em foco, dado o ter-se encontrado três regiões qualitativamente distintas na projeção, indicador de diferenças essenciais na natureza dos aspectos que essas dimensões mensuram. A partir desta análise, efetuou-se o cálculo da fidedignidade pelo Alfa de Cronbach, encontrando os valores de .71 para o F1: Conscientização; .74 para o F2: Atentividade; e, .66 para o F3: Mediação Cognitiva, indicadores de adequada consistência interna para uso em pesquisa, e para diagnóstico (F1 e F2), segundo os ditames psicométricos (ver Hair *et al.*, 2005; Nascimento, 2008).

O exame das qualidades psicométricas foi encaminhado também com os instrumentos restantes. Para a Escala de Autoconsciência Situacional (EAS), o índice Kaiser-Meyer-Olkin de .84, cotejado com a Estatística de Esfericidade



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

de Bartlett de $\chi^2 (78) = 1153,170$; $p < .000$, indicaram uma matriz de correlações fatorável. O exame dos valores próprios pelo Critério de Kaiser (Hair *et al.*, 2005) pôs em saliência três componentes principais com autovalores maiores que 1 (4.35; 1.48; 1.14), os quais respondem por 53.63% da Variância Total, com suas respectivas variâncias por fator (20.6; 18.5; 14.5), o que foi corroborado pelo Critério de Cattell (Hair *et al.*, 2005) cuja observação da curva gerada no plano gráfico sugere a retenção de três componentes (fatores) pela distância entre suas posições, antes da homogeneização da curva. Por fim, a Análise de Componentes Principais extraiu três fatores, cuja organização dos itens com carga fatorial de .40 em diante revelou uma solução trifatorial para o instrumento: F1: Reflexão (Alfa de Cronbach: .74); F2: Ruminação (Alfa de Cronbach: .74); e, F3: Mediação Icônica (Alfa de Cronbach: .69).

O Teste de Habilidades de Visualização de Imagens Mentais (THV), com suas duas séries separadas (Self e Não-Self) foi avaliado em suas principais estatísticas psicométricas. Para a Série Self, o índice Kaiser-Meyer-Olkin de .89, cotejado com a Estatística de Esfericidade de Bartlett de $\chi^2 (36) = 776,629$, $p < .000$, indicaram uma matriz de correlações fatorável. O exame dos valores próprios pelo Critério de Kaiser (Hair *et al.*, 2005) pôs em saliência um único componente com autovalor maior que 1 (4.38), respondendo por 48.67% da Variância Total, o que foi corroborado pelo Critério de Cattell (Hair *et al.*, 2005) cuja observação da curva gerada no plano gráfico sugere a retenção de um componente (fator) pela distância entre suas posições, antes da homogeneização da curva. Por fim, a Análise de Componentes Principais extraiu um fator, cuja organização dos itens com carga fatorial de .40 em diante revelou a adequação da solução unifatorial para o instrumento: F1: Visualização Self (Alfa de Cronbach: .87). Para a Série Não-Self, o índice Kaiser-Meyer-Olkin de .92, cotejado com a Estatística de Esfericidade de Bartlett de $\chi^2 (36) = 1170,621$, $p < .000$, indicaram uma matriz de correlações fatorável. O exame dos valores próprios pelo Critério de Kaiser (Hair *et al.*,



Revista **AMAZônica**, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

2005) pôs em saliência um único componente com autovalor maior que 1 (5.31), respondendo por 58.95% da Variância Total, o que foi corroborado pelo Critério de Cattell (Hair *et al.*, 2005) cuja observação da curva gerada no plano gráfico sugere a retenção de um componente (fator) pela distância entre suas posições, antes da homogeneização da curva. Por fim, a Análise de Componentes Principais extraiu um fator, cuja organização dos itens com carga fatorial de .40 em diante revelou a adequação da solução unifatorial para o instrumento: F1: Visualização Não-Self (Alfa de Cronbach: .91).

Uma vez tendo-se observado a adequação psicométrica dos instrumentos e a boa consistência interna dos mesmos, o que corroborou H5, efetuou-se o exame das interrelações entre os fatores das escalas do estudo. Para análise das hipóteses sobre a estrutura da autoconsciência humana examinou-se a relação entre os fatores das escalas EAS e EAD através do coeficiente de correlação de Pearson para verificação da magnitude e grau de relacionamento entre as variáveis estudadas (Hair *et al.*, 2005). O coeficiente de Pearson indicou correlações significantes entre todos os itens das escalas EAS e EAD, tanto fatores intra-escalas, quanto fatores inter-escalas, conforme previsto em H1, H2 e H3. Reflexão, da escala EAS, correlacionou-se de modo estatisticamente significativo e positivo com Ruminação ($r = .33, p < .001$); Mediação Icônica ($r = .39, p < .001$); Conscientização ($r = .20, p < .001$); Atentividade ($r = .33, p < .001$); e Mediação Cognitiva ($r = .15, p < .001$). Ruminação, da escala EAS, correlacionou-se com Mediação Icônica ($r = .28, p < .001$); Conscientização ($r = .08, p < .001$); Atentividade ($r = .10, p < .001$); e, Mediação Cognitiva ($r = .31, p < .001$). Mediação Icônica, da escala EAS, correlacionou-se com Conscientização ($r = .19, p < .001$); Atentividade ($r = .21, p < .001$); e, Mediação Cognitiva ($r = .22, p < .001$). Encontrou-se também que Conscientização, da escala EAD, correlacionou-se de forma positiva com Atentividade ($r = .35, p < .001$) e Mediação Cognitiva ($r = .13, p < .001$), e esta última ainda com Atentividade ($r = .34, p < .001$). Os achados levantaram evidência para aceitação da hipótese de uma orgânica estruturação entre as



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

dimensões estado e traço da autoconsciência (H2), e da mediação desta por imagens mentais (H1), como também o enlace, com distintividade, entre ruminação e reflexão (H3).

Uma vez fortalecida a hipótese da mediação de autoconsciência situacional por imagens mentais, procedeu-se a averiguação da hipótese correlata, a saber, da mediação cognitiva por imagens mentais da autoconsciência-traço ou disposicional possibilitada pelas habilidades atuais de visualização das referidas imagens. Para exame desta hipótese utilizou-se o coeficiente r de Pearson para verificação da magnitude e grau de relacionamento entre as variáveis estudadas (Hair *et al.*, 2005) a partir da respectiva matriz de correlações dos dois instrumentos em foco – a escala EAD e o teste THV (Self e Não-Self). O coeficiente r de *Pearson* evidenciou a existência de 24 correlações estatisticamente significantes na interface das medidas de visualização quando tomadas isoladamente por seus itens individuais e dos escores dos fatores de Autoconsciência Disposicional, conforme previsto em H4, a saber: Conscientização, da escala EAD, correlacionou-se de modo estatisticamente significativa e positivo com Inspeccionar Self ($r = .13, p < .05$); Encontrar Self ($r = .15, p < .05$); Zoom Self ($r = .22, p < .01$); Rotar Self ($r = .13, p < .05$); Transformar Self ($r = .19, p < .01$); Vividez Self ($r = .15, p < .05$); e com a série Self tomada globalmente ($r = .18, p < .05$); também com Gerar Não-Self ($r = .14, p < .05$); Zoom Não-Self ($r = .12, p < .05$); Transformar Não-Self ($r = .20, p < .01$); Vividez Não-Self ($r = .14, p < .05$); e com a série Não-Self tomada globalmente ($r = .15, p < .05$).

Atentividade, da escala EAD, correlacionou-se de forma positiva com: Gerar Self ($r = .18, p < .01$); Inspeccionar Self ($r = .14, p < .05$); Zoom Self ($r = .15, p < .05$); Rotar Self ($r = .15, p < .05$); Transformar Self ($r = .12, p < .05$); Controle Cinético Self ($r = .13, p < .05$); Panoramizar Self ($r = .17, p < .01$); Vividez Self ($r = .17, p < .01$); e com a série Self tomada globalmente ($r = .20, p < .05$); também com Gerar Não-Self ($r = .14, p < .05$); Inspeccionar Não-Self ($r = .14, p < .05$); Zoom Não-Self ($r = .12, p < .05$); Rotar Não-Self ($r = .18, p < .05$);



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

.01); Controle Cinético Não-Self ($r = .16, p < .01$); Vividez Não-Self ($r = .13, p < .05$); e com a série Não-Self tomada globalmente ($r = .17, p < .05$). Mediação Cognitiva, da escala EAD, não se correlacionou com quaisquer itens das tarefas de visualização mensuradas pelo THV, quer na série Self, quer na série Não-Self. O conjunto destes resultados apoia a visão teórica de um enlace profundo entre as competências imagéticas do self e o uso destas para fins de autofocalização e autoescrutínio reflexivo, conforme postulado na hipótese da mediação cognitiva (H1 e H4).

Considerando-se conforme MacKinnon, Fairchild e Fritz (2007) a crucialidade de técnicas de regressão para teste de hipóteses de mediação em psicologia, no exame da validade de construto do THV e da função de mediação que as habilidades de visualização exercem na instanciação de autofoco, verificou-se o valor preditor das duas dimensões do THV na EAD através da computação de uma série de regressões passo-a-passo e passos-fixos das dimensões da Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) – Conscientização e Atentividade - e como variáveis independentes as duas dimensões do THV - Self e Não-Self.



Tabela 1. Análises de regressão passo-a-passo e passos-fixos considerando como variável dependente as dimensões da Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) – Conscientização e Atentividade e como variáveis independentes as duas dimensões do THV - Self e Não-Self.

Modelo	R	R ²	R ² Corrigido	Erro padrão	R ² Change	F ^{Change}	gl1	gl2	p
Passos a passo									
VD Conscientização									
THV-Self	.188	.035	.031	.631	.035	9.31	1	255	.003
VD Atentividade									
THV-Self	.208	.043	.039	.750	.043	11.52	1	255	.001
Passos Fixos									
VD Conscientização									
1º passo THV-Self	.188	.035	.032	.626	.035	9.337	1	255	.002
2º passo THV-Não Self	.188	.035	.028	.628	.000	.010	1	254	.920
1º passo THV-Não Self	.151	.023	.019	.630	.023	5.941	1	255	.015
2º passo THV-Self	.188	.035	.028	.628	.013	3.316	1	254	.070
VD Atentividade									
1º passo THV-Self	.209	.044	.040	.703	.044	11.62	1	255	.001
2º passo THV-Não Self	.210	.044	.036	.704	.000	.094	1	254	.760
1º passo THV-Não Self	.175	.031	.027	.708	.031	8.059	1	255	.005
2º passo THV-Self	.210	.044	.036	.704	.013	3.534	1	254	.061

Os resultados apresentados na Tabela 1 apontam que na regressão passo-a-passo somente o THV Self desempenhou um papel preditor tanto para a dimensão Conscientização como para a dimensão Atentividade, explicando 3.5% e 4.3% da variância, respectivamente. Na regressão com passos fixos foi observado que quando o THV Self era colocado como primeiro passo sempre resultou em um papel preditor em ambas as dimensões Conscientização e Atentividade (explicando 3.5% e 4.4% da variância, respectivamente), enquanto quando o THV Self era colocado como segundo passo apresentou um papel preditor marginalmente significativo em ambas as dimensões Conscientização e Atentividade (explicando de forma similar 1.3% da



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

variância). Quando era o THV Não-Self que era colocado como primeiro passo na regressão com passos fixos sempre resultou em um papel preditor para ambas as dimensões Conscientização e Atentividade (explicando 2.3% e 3.1% da variância, respectivamente), entretanto quando o THV Não-Self era colocado como segundo passo o seu papel explicativo das duas variáveis dependentes Conscientização e Atentividade deixou de ser observado. Isto mostra o peso maior do THV Self, comparativamente com o THV Não-Self, em explicar a variância dos escores de autoconsciência disposicional, e coloca-se como evidência importante para uso sistemático das imagens mentais em sua interface de visualização na mediação do autofoco-traço (H1).

Discussão

O estudo em foco encaminhou um teste empírico de algumas das mais prementes questões da pesquisa em autoconsciência da atualidade – as questões da dimensionalidade da autoconsciência, seus mecanismos de mediação cognitiva e suas conexões com outros estratos da cognição, neste caso, o das habilidades de visualização de imagens mentais (ver Nascimento, 2008; Morin, 2002; 2004; Silvia & Duval, 2001; Trapnell & Campbell, 1999; Martin & Debus, 1999; Gibbons, 1990).

Em conjunto as análises puderam evidenciar relações orgânicas entre as dimensões estado e traço da autoconsciência, e destas com os processos imagéticos da mente, conforme proposto por autores interessados em representação mental (ver Paivio, 2007; Nascimento, 2008) e na hipótese organizacional da mediação cognitiva de autofoco (Morin, 2004; Nascimento, 2008). O teste da mediação cognitiva por regressões passo a passo e passos fixos conforme modelo de MacKinnon, Fairchild e Fritz (2007) para teste deste tipo de hipótese na psicologia trouxe documentação decisiva para a aceitação do papel mediador das imagens mentais para o autofoco traço, à semelhança do já documentado para a autoconsciência situacional por Nascimento (2008) e Nascimento e Roazzi (2013).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

As habilidades de visualização de imagens mentais foram evidenciadas de modo estatisticamente significante estarem associadas aos fatores Conscientização e Atentividade de autofoco disposicional, evidência de que existem conexões a serem melhor exploradas entre a habilidade em se criar e manipular imagens mentais e material semiótico relacionados ao self e a tendência do mesmo self a prestar atenção a si mesmo (Morin, 2004), tanto na vertente da própria virada dos sistemas atencionais ao self enquanto objeto (atentividade) quanto no que pode disso resultar – uma tendência a um nível mais incrementado de autoconhecimento, um individuo mais sabedor de quem é e de quais são os seus recursos mentais e extra-mentais, existenciais (conscientização).

Outro importante achado refere-se ao fato de a pesquisa em foco ter levantado outras dimensões importantes da autoconsciência disposicional nas respostas da amostra brasileira – as categorias Atentividade e Conscientização, além de ter atestado a significação da partição reflexão-ruminação para a compreensão da autoconsciência situacional (ver Nascimento, 2008; Trapnell & Campbell, 1999; Morin, 2002), o que dá uma medida da urgência de se encaminhar a pesquisa sobre a dimensionalidade da autoconsciência estado e traço para além das dicotomias já mapeadas na literatura como público-privado (Fenigstein, Scheier & Buss, 1975; Silvia & Duval, 2001; Martin & Debus, 1999; Mittal & Balasubramanian, 1987) e ruminação-reflexão (Trapnell & Campbell, 1999), autofoco estado e traço (Duval & Wicklund, 1972; Fenigstein, Scheier & Buss, 1975), e de se construírem novos instrumentos psicométricos para suas mensurações (ver Nascimento, 2008; Govern & Marsch, 2001; Trapnell & Campbell, 1999), em especial em língua portuguesa (Nascimento & Roazzi, 2013; Teixeira & Gomes, 1995), a partir da percepção da ontologia multifacetada e multidimensional deste sistema cognitivo (Nascimento & Roazzi, 2013; Morin, 2002; 2004), em seu caráter de parâmetro cognitivo central, e eixo organizacional da estrutura da cognição e consciência humanas (Gibbons, 1990; Silvia & Duval, 2001).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Todavia, conforme salienta ampla literatura (ver Nascimento & Roazzi, 2013; Trapnell & Campbell, 1999; Eichstaedt & Silvia, 2003; Govern & Marsch, 2001), mensurar autoconsciência não é algo simples. A intercomparação entre a EAD e escalas congêneres de autoconsciência disposicional em uso acrescenta informações úteis na avaliação da primeira, um dos objetos do presente trabalho. Usando um critério de fidedignidade mediana por cada item, Heinemann (1979) na versão alemã da escala SCS de Fenigstein *et al.* (1975) encontrou alfas de .50, .65 e .64 para os fatores Privado, Público e Ansiedade Social do autofoco. Revisões e versões transculturais subseqüentes da SCS encontraram alfas de .72, .79 e .81 e .76, .78 e .69 em duas amostras separadas (Cyr *et al.*, 1987), e de .66, .63 e .74 (Teixeira & Gomes, 1995) para os mesmos fatores respectivamente, valores compatíveis com os encontrados para o instrumento ora avaliado, o qual encontra valores acima do padrão áureo de .70 (Hair *et al.*, 2005) para dois de seus fatores, e um terceiro bastante próximo desse limiar. Todavia, a pesquisa sobre a estrutura psicométrica de instrumentos de autoconsciência precisa continuar visando sua melhor adequabilidade e atualização teórica (ver Nascimento, 2008; Silvia & Duval, 2001; Morin, 2004; 2002).

Achados teoricamente valiosos foram encontrados nas análises sobre a ruminação. O enlace entre Mediação Cognitiva e Ruminação explica-se pela natureza estritamente cognitiva do primeiro fator e pelo aspecto estereotípico e de clausura cognitiva do segundo, onde quão mais atento ao funcionamento de sua própria mente e dos caminhos mentais pelos quais o indivíduo se torna consciente de si mesmo (mediação cognitiva), mais centrado em aspectos específicos do self considerados negativos e menos atento e aberto à experiência externa (não-mental) o indivíduo se torna, um processo devendo alimentar o outro por retro-alimentação (ver Morin, 2002; Trapnell & Campbell, 1999; Nascimento, 2008). Observou-se ainda um regime de alta saturação de enlace entre ruminação e todas as dimensões de autofoco do estudo, atestado pelas correlações mapeadas, e acordes com a hipótese de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Trapnell e Campbell (1999), Morin (2004) e Nascimento (2008) para autoconsciência como um conglomerado de operações diversificadas de autofoco, e ainda pouco explorado papel das imagens mentais na mediação cognitiva de autoconsciência (Morin, 2004).

Correlações estatisticamente significantes entre Conscientização e Atividade de Autoconsciência Disposicional e a Série Self e Não-Self globalmente das habilidades de visualização reforçam a percepção teórica de enlace profundo entre as dimensões de autofocalização, as operações imaginativas do código dual (Paivio, 2007) e sua contraparte fenomenológica das visualizações internas self e não self (Nascimento, 2008). Por ora, recomendam-se estudos de corte fenomenológico que possibilitem o acercamento das dimensões de conteúdo cognitivo das referidas operações, estrato não facilmente alcançável por via psicométrica (Hair *et al.*, 2005).

Tendo-se corroborado todas as hipóteses do estudo, o conjunto dos achados tem permitido um maior esclarecimento sobre o papel de mediação cognitiva de autoconsciência situacional e disposicional por imagens mentais, uma maior fundamentação de base empírica da validade da dicotomia ruminação-reflexão e dos enlaces entre as dimensões estado e traço da autoconsciência, e destas com a cognição de modo visual da mente. As rotas abertas pela presente investigação fornecerão uma base mais segura para esforços mais substanciais para um programa de pesquisa que vise esclarecer de modo mais definitivo o significado da autoconsciência para a vida humana e a estrutura organizacional dos processos autofocalizadores que lastreiam a edificação de um self de tipo humano.



Referências

- Anderson, E. M., Bohon, L. M., & Berrigan, L. P. (1996). Factor structure of the private self-consciousness scale. *Journal of Personality Assessment*, 66(1), 144-152. doi:10.1207/s15327752jpa6601_11
- Bilsky, W. (2003). A Teoria das Facetas: noções básicas. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 357-365. doi:10.1590/S1413-294X2003000300002
- Burnkrant, R. E., & Page, T. J. (1984). A modification of the Fenigstein, Scheier, and Buss Self-Consciousness Scales. *Journal of Personality Assessment*, 48(6), 629-637. doi:10.1207/s15327752jpa4806_10
- Cyr, M., Bouchard, M.-A., Valiquette, C., Lecomte, C., & Lalonde, F. (1987). Analyse psychométrique d'une adaptation en langue française de l'Échelle de Conscience de Soi. *Canad. J. Behav. Sci.*, 19(3), 287-297. doi:10.1037/h0084783
- Duval, S., & Wicklund, R. A. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic Press.
- Eichstaedt, J., & Silvia, P. J. (2003). Noticing the Self: Implicit Assessment of Self-focused Attention using Word Recognition Latencies. *Social Cognition*, 21(5), 349-361. doi:10.1521/soco.21.5.349.28686
- Eysenck, M. W. & Keane, M. T. (1994). *Psicologia Cognitiva: um manual introdutório*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fenigstein, A., Scheier, M. F., & Buss, A. H. (1975). Public and private self-consciousness: Assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43(4), 1241-1250. doi:10.1037/h0076760
- Gibbons, F. X. (1990). Self-attention and behavior: A review and theoretical update. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, 23 (pp. 249-303). New York: Academic Press.
- Govern, J. M., & Marsch, L. A. (2001). Development and Validation of the Situational Self-Awareness Scale. *Consciousness and Cognition*, 10(3), 366-378. doi:10.1006/ccog.2001.0506
- Guttman, L. (1968). A general nonmetric technique for finding the smallest coordinate space for a configuration of points. *Psychometrika*, 33(4), 469-506. doi: 10.1007/BF02290164
- Hair, Jr., J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman.
- Heinemann, W. (1979). The assessment of private and public self-consciousness: A German replication. *European Journal of Social Psychology*, 9(3), 331-337. doi: 10.1002/ejsp.2420090311



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

MacKinnon, D. P., Fairchild, A. J., & Fritz, M. S. (2007). Mediation analysis.

Annual Review of Psychology, 58, 593-614.

[doi:10.1146/annurev.psych.58.110405.085542](https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085542)

Martin, A. J. & Debus, R. L. (1999). Alternative factor structure for the revised Self-Consciousness Scale. *Journal of Personality Assessment*, 72(2), 266-281. doi:10.1207/S15327752JP720211

Mittal, B., & Balasubramanian, S. K. (1987). Testing the dimensionality of the Self-Consciousness Scales. *Journal of Personality Assessment*, 51(1), 53-68. doi:10.1207/s15327752jpa5101_5

Morin, A. (1995). Characteristics of an effective internal dialogue in the acquisition of self-information. *Imagination, Cognition and Personality*, 15(1), 45-58. doi:10.2190/7JX3-4EKR-0BE5-T8FC

Morin, A. (2002, December). Self-awareness review Part 1: Do You “self-reflect or “self-ruminate”? *Science & Consciousness Review*, 1, Retrieved in July 6, 2005, from <http://www2.mtroyal.ab.ca/~amorin/Rumination.pdf>

Morin, A. (2004). A Neurocognitive and Socioecological Model of Self-Awareness. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 130(3), 197-222. doi: 10.3200/MONO.130.3.197-224

Nascimento A. M., & Roazzi A. (2013). Autoconsciência, Imagens Mentais e Mediação Cognitiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 493-505. doi:10.1590/S0102-79722013000300009

Nascimento, A. M. (2008). Autoconsciência Situacional, Imagens Mentais, Religiosidade e Estados Incomuns da Consciência: um estudo sociocognitivo. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

Paivio, A. (2007). *Mind and Its Evolution: A Dual Coding Theoretical Approach*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Silvia, P. J., & Duval, T. S. (2001). Objective self-awareness theory: Recent progress and enduring problems. *Personality and Social Psychology Review*, 5(3), 230-241. doi:10.1207/S15327957PSPR0503_4

Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1995). Self-Consciousness Scale: A Brazilian Version. *Psychological Reports*, 77(2), 423-427. [doi:10.2466/pr0.1995.77.2.423](https://doi.org/10.2466/pr0.1995.77.2.423)

Trapnell, P. D., & Campbell, J. D. (1999). Private self-consciousness and the Five-Factor Model of personality: Distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(2), 284-304. doi:10.1037//0022-3514.76.2.284

Recebido: 30/4/2021. Aceito: 16/6/2021.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)



Sobre autores e contato:

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: alexmeden@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

Antonio Roazzi

Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: roazzi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi